

A Filosofia na Antropogeografia de Friedrich Ratzel

The philosophy in anthropogeography of Friedrich Ratzel

Marquessuel Dantas de Souza

Graduado em Geografia - Faculdade Tereza Martin (FATEMA) - SP

Membro do Grupo de Pesquisa Geografia, Literatura e Arte (Geoliterart) da USP

marquessuelgf@gmail.com

Artigo recebido para revisão em 19/12/2013 e aceito para publicação em 03/03/2014

Resumo

Ao propor uma breve abordagem sobre as influências que Ratzel sofreu para elaborar sua Geografia Humana, há que ressaltar o modo como este analisa os autores citados em seus escritos, em especial, no primeiro volume da Antropogeografia. Pois é nesta obra que o geógrafo alemão enfatiza com rigor suas críticas para com os filósofos presentes ao longo do texto. Bem entendido, todos os autores citados na referida obra recebem, por assim dizer, um elogio por parte de Ratzel. Todavia, os mesmos autores são criticados veementes quando da análise sobre a influência dos aspectos naturais do meio físico sobre os homens. Desde os geógrafos e filósofos que o precederam até os contemporâneos.

Palavras-chave: Ratzel; Antropogeografia; Filosofia.

Abstract

By proposing a brief overview about the influences that Ratzel suffered to develop their Human Geography, would emphasize how it parses the authors cited in his writings, especially in the first volume of Anthropogeography. It is in this work that the German geographer emphasizes rigorously their criticisms of the philosophers present throughout the text. Of course, all authors cited in those works receive, so to speak, a eulogy by Ratzel. However, the authors are criticized vehement when analyzing the influence of the natural aspects of the physical environment on men. Since geographers and philosophers who preceded to contemporary.

Keywords: Ratzel; Anthropogeography; Philosophy.

1- INTRODUÇÃO

A *Antropogeografia* e a *Geografia Política*, ambas as obras de Friedrich Ratzel, são consideradas as pedras angulares do pensamento do geógrafo alemão considerado o fundador da Geografia Humana. É a partir da Antropogeografia, principalmente, que se identificam uma base filosófica concreta presente em Ratzel. Quer dizer, os fundamentos filosóficos de Ratzel se mostram em maior amplitude - assim consideramos - embutida nesta obra (Antropogeografia), cuja mesma abriu caminhos para estudos geográficos outros. Ou seja, ao relacionar em maior clareza o homem com a terra, Ratzel buscou demonstrar o poder natural do meio físico sobre a vida dos homens distribuídos ou espacializados pela superfície do globo. Neste sentido, a Antropogeografia é “a mais original e certamente e mais fecunda” (RAVENEAU, 1892, p. 332) obra de Ratzel. Entrementes, “A *Antropogeografia* é a obra fundamental de Ratzel” (DURKHEIM, 1900, p. 550, grifo do autor). Ou, ainda conforme Lucien Febvre que nos diz ser a “*Antropogeografia*, a obra mestre do geógrafo

alemão” (FEBVRE, 1938, p. 22, grifo do autor). E que a mesma é “seu livro mais compreensível e sua obra-prima” (FEBVRE, 1938, p. 39). Em suma, “a *Antropogeografia* é a obra mestre de Ratzel” (FEBVRE, 1938, p. 58, grifo do autor)¹.

Não obstante, Ratzel utilizou-se de várias vertentes do pensamento para explicar suas considerações e conceitos a cerca das influências nos movimentos circulatórios das populações. Ratzel em todo o texto do primeiro volume da *Antropogeografia* faz considerações sutis sobre Humboldt e Karl Ritter, principalmente sobre o último. Pois que, nas palavras de Elisée Reclus (ao traduzir o estudo de Ritter *A configuração dos continentes sobre a superfície do globo e suas funções na história*, haver afirmado que), Ritter “retirou a Geografia da miséria sombra da nomenclatura, que nos fez estudar com o mesmo espírito a história da terra e dos astros” (RECLUS, 1859, p. 242)². Por conseguinte, Ratzel singularizando a importância de Ritter sobre o seu trabalho declara: “com minha *Antropogeografia* (1882 e 1891), eu continuei a obra de Ritter, edificando sobre suas bases, e tratando de fazer recuperar a geografia sua legítima influência sobre a etnografia, a sociologia e a história” (RATZEL apud CAPEL, 1981, p. 281). “Em linhas gerais, a obra de Ratzel é uma tentativa de superar uma geografia puramente descritiva e de avançar na formulação de grandes construções explicativas” (MARTINS, 2009, p. 02). Ou seja, a referida obra efetivou-se no sentido de ir mais além (no tratamento do homem com a natureza) do que daqueles geógrafos que o precederam. Pois que “o homem é uma criatura central no meio dos animais terrestres” (HERDER, 1834, p. 88). Por isso, Ratzel o considerou (o homem) preponderantemente relacionando-o com a terra. A relação homem-meio ambiente.

O presente texto se presta a investigar, muito embora de uma forma sucinta, as influências filosóficas no pensamento de Friedrich Ratzel, as matizes contidas em sua obra *Antropogeografia*. Em especial os capítulos 1, 2, 3, 4 e 5 no volume I, parte I da obra em questão. Pois é aí onde estão assentadas as discussões de cunho amplamente filosóficos presente nos escritos ratzelianos. Nesta parte da obra Ratzel se dedica em expor seu pensamento sob o desenvolvimento (discussão) que alguns filósofos, e, não obstante, alguns geógrafos e alguns naturalistas realizaram sobre as influências naturais em vista do ser humano. O que cada um destes buscou para a interpretação de tal fenômeno na constituição de uma cultura. Para tanto, seu pensamento torna-se um pouco confuso quando se depara com a ideia de finalidade que tais fenômenos exercem. Isto é, Ratzel deixa escapar sua ansiedade de que as coisas são de acordo com a natureza (determinadas), esquecendo o fator da relação *social*. Ou seja, ele enfatiza amplamente seu estudo em analisar a

¹ Ademais, “la *Antropogeografía* de Ratzel puede ser considerada como el primer tratado de geografía humana” (CAPEL, 1989, p. 124, grifo do autor). - Certamente, devemos salientar que este texto se propõe, por assim dizer, a realizar uma breve reflexão sobre os fundamentos filosóficos de Ratzel em sua obra *Antropogeografia*.

² “Cest lui qui a retiré la géographie de la misérable omière des nomenclatures, qui nous a fait étudier avec le même esprit l'histoire de la terre et cette des astres” (RECLUS, 1859, p. 242).

relação homem-meio, e em menor grau - assim identificamos - a relação homem-homem. Algo que lhe rende críticas por parte de sociólogos preocupados em entender as estratificações sociais presentes numa mesma sociedade. - Durkheim dará o ponta pé inicial criticando-o nos *l'Année sociologique*, revista que fora fundada sob sua direção. Outros autores farão o mesmo nesta mesma revista.

2- RATZEL E OS PRINCÍPIOS FILOSÓFICOS

Friedrich Ratzel (1844-1904) nasceu em 30 de “agosto em Karlsruhe, antiga capital do ducado de Baden, no seio de uma família da pequena burguesia local” (MORAES, 1990, p. 18). Ou como nos disse Claval: Ratzel nascera “numa família modesta do Sudoeste da Alemanha” (CLAVAL, 2006, p. 74). Ele “começou seus estudos pela Geologia e pela Paleontologia” (SODRÉ, 1976, p. 48), logo após se dedicou à Etnografia e em seguida à Geografia. “Foi grandemente influenciado pela teoria do evolucionismo” (LENCIONE, 2009, p. 82) por intermédio de Moritz Wagner que traduziu do inglês para o alemão a obra de Darwin³. Para tanto, Jaume Vicens Vives considera Friedrich Ratzel “o Wagner da Geografia” (VIVES *apud* SODRÉ, 1976, p. 51). Isto em razão de seu trabalho ter influenciado uma geração de novos estudantes leitores (a Sociologia é um exemplo básico). Friedrich Ratzel faleceu “subitamente em 09 de agosto de 1904 em Ammerland, às margens do lago Starnberg na Baviera” (VIDAL DE LA BLACHE; ZIMMERMANN, 1904, p. 466), a “sudoeste de Munique” (MARTINS, 1993, p. 58).

Considerando relativamente à época em questão (século XIX), temos em mente que o contexto era regrado de enormes ganhos científicos. A industrialização, bem como o ‘capitalismo europeu’ exigia cada vez mais esforço por parte de seus intelectuais. Oferecia e exigia muito mais da sociedade. Contudo, as coisas circulavam numa velocidade bem mais avançada, as informações chegavam com maior facilidade, os meios de divulgação eram mais difundidos entre outras situações, isto, quando comparados com períodos anteriores ao vivido por Ratzel. Não esquecendo também que este momento era de renovação, por assim dizer, no território alemão em virtude do reclame de seu interesse em constituir-se um Estado reconhecido (Estado-nação), assim como já havia acontecido com outros países na Europa do século XIX.

Entrementes, os impulsos elaborados por Humboldt e Ritter a fim de elevar a geografia a uma ciência de verdade assim como a astronomia, a física, a matemática entre outras, contribuíram significativamente para o empenho de Ratzel em proclamar a Geografia uma ciência da terra e do homem. Quer ele mesmo tenha cometido equívoco ou não para a época em relevo. Em outras

³ É nítido notar que o pensamento evolucionista darwiniano no campo do conhecimento geográfico é sumamente fecundo e claramente diversificado, pois este “se detecta en las elaboraciones de Ratzel y de sus seguidores” (MENDOZA *et al*, 2002, p. 32).

palavras, o século XIX trouxe um enorme avanço e inúmeras contribuições para a humanidade em critério de desenvolvimento científico e intelectual. Algo que, grosso modo, embriagava qualquer estudante em qualquer área do conhecimento. Com efeito, Ratzel, filho do referido século não escapou desta embriaguez constante e sedutora (no sentido nietzschiano).

É por meio da necessidade de conhecimento, ou como queiram, por curiosidade, que o homem vai à busca de seus ideais para satisfazer-lhe de sua sede profunda em descobrir as coisas e contribuir para o desenvolvimento da sociedade em que vive. Com Ratzel não foi diferente. Humboldt e Ritter marcaram profundamente o pensamento de Ratzel, haja vista serem estes autores os principais representantes da Geografia Moderna. - Heródoto e Estrabão estão entre aqueles que merecem ser chamados de os primeiros geógrafos a registrarem suas percepções de mundo. Embora, Estrabão nos diga ser Homero o primeiro geógrafo existente. Nas palavras de Estrabão: “Homero, fundador da geografia” (ESTRABÓN, 2002, p. 210). Não esquecendo, grosso modo, de Ptolomeu e Copérnico, que, por assim dizer, contribuíram inexoravelmente para o estudo do espaço. Ratzel também cita em sua Antropogeografia o geógrafo alemão Oscar Peschel, autor que também o influenciou. Outros autores geógrafos também são citados por Ratzel, no entanto, Humboldt e Ritter aparecem em maior relevo, em particular Karl Ritter (*Geografia comparada*).

O estudo envolvendo Geografia e Filosofia remonta a antiguidade como podemos observa em Estrabão. Pois para este autor a Geografia e a Filosofia não se separam: “se há alguma atividade que seja própria do filósofo, precisamente é a geografia” (ESTRABÓN, 2002, p.207)⁴. Assim sendo, desde a antiguidade a importância em estudar geografia e filosofia já estava presente nos discursos de autores consagrados como, por exemplo, Estrabão. Para tanto, Ratzel se viu diante deste problema em estudar as duas vertentes do conhecimento em um mesmo escrito (algo já evidenciado por Humboldt e Ritter). Deveras, a partir deste momento ele inicia o valioso e instigante debate em torno da Antropogeografia filosófica (reflexão sobre o homem *na* terra), ou como disse Sanguin: “Ratzel trouxe à geografia uma *filosofia cultural*” (SANGUIN, 1990, p. 591, grifo do autor). - É neste ponto que Ratzel viabiliza seu discurso para compreendermos a angústia que lhe abatia por perceber que a Geografia apenas descrevia a terra sem se aproximar do homem. “Ratzel tornou-se famoso por haver dado ênfase ao homem na sua formulação geográfica” (ANDRADE, 2008, p. 84). Seu direcionamento segue perseguindo em analisar a terra juntamente com o homem, ou em averiguar o homem se relacionando com a terra. Bem entendido, o homem não se separa da sua geografia e nem de sua história. Pois o homem faz sua história a todo instante numa geografia. Seja

⁴ “A geografia como atividade filosófica” (ESTRABÓN, 2002, p. 207).

em qualquer lugar⁵ ou em qualquer momento, como dito. Ou melhor, “somos aquilo que vivemos” (SOUZA, 2012, p. 84).

Kant e Herder são os dois pilares que sustentam o pensamento de Ratzel como princípios filosóficos⁶. Karl Ritter surge como o importante pilar na vertente geográfica. Pois que “Ratzel segue em diversos aspectos ideias que procedem de Karl Ritter” (CAPEL, 1981, p. 280). Entrementes, Ratzel no diz: “Karl Ritter tem o mérito de haver reforçado o laço insolúvel que liga a geografia e a história” (RATZEL, 1990, p. 46). Com efeito, é a partir destes três autores (Kant, Herder e Ritter) que Ratzel proclama a dialética de sua Geografia Humana. Os fundamentos filosóficos ratzeliano se corroboram numa direção magistral que até aquele momento outro autor ainda não havia levantado hipóteses há um nível tão ousado e elevado do ponto de vista científico no campo da geografia.

Os fundamentos filosóficos do pensamento de Ratzel tornam-se importante para mostrar que a Geografia não está sozinha quando da análise do espaço. Em outros termos, através de sua obra Antropogeografia é possível identificar o singular valor em estudar outras áreas do conhecimento para chegar a avaliar a natureza de um modo bem mais explícito e seguro, sem, contudo, se prender apenas à Geografia. Neste sentido, Ratzel elabora uma discussão filosófica muito rica, por sua vez, a orientação filosófica do mesmo “é bastante complexa” (MORAES, 1983, p. 319).

Ele elabora uma extensa revisão do pensamento filosófico desde a Antiguidade até sua época, onde se posiciona claramente frente às várias correntes filosóficas. Tal trabalho consome as primeiras páginas da Antropogeografia, principalmente o primeiro capítulo denominado “Evolução dos conceitos relativos à influência que as condições naturais exercem sobre a humanidade”. Neste capítulo, Ratzel faz uma caminhada por toda história da filosofia ocidental, vendo como os primeiros pensadores se posicionaram frente à questão das influências (MORAES, 1983, p. 319).

“Ratzel inicia sua revisão colocando que a questão da influência das condições naturais sobre a humanidade aparece já no pensamento grego da Antiguidade clássica” (MORAES, 1983, p. 319). Para o geógrafo alemão, isto “afloraria nos escritos de Hipócrates, de Tucídides, de Heródoto” (MORAES, 1983, p. 319). E, chega até mesmo citar Estrabão quando este diz ser Homero o primeiro geógrafo; nas palavras de Ratzel: “Estrabão considerou Homero como o pai da geografia” (RATZEL, 1990, p. 46).

Considerando que o presente texto busca mostrar a filosofia ratzeliana na Antropogeografia, há que ressaltar o seguinte. No contexto dos séculos XVI, XVII e XVIII, Ratzel cita (na

⁵ Neste momento pergunta-se; que lugar é este? - O lugar que fundamenta geograficamente o ser do homem. Ou seja, o lugar ou o sentido de localização torna-se “o fundamento geográfico do ser” (MARTINS, 2007, p. 47) do homem no espaço.

⁶ É interessante observarmos que no prefácio da primeira edição da Antropogeografia de 1882 o próprio Ratzel cita o filósofo Herder.

Antropogeografia) muitos autores tais como T. Hobbes, T. Morus, R. Bacon, J. B. Vico, B. Spinoza, G. Leibniz, entre outros.

Sobre os filósofos do século XVIII, Ratzel vai tecer considerações bastante diferenciadas das formuladas por Humboldt e Ritter. Em primeiro lugar, possui uma posição crítica com relação ao pensamento iluminista. Argumenta que Montesquieu e Voltaire, apesar de tematizarem a questão das influências da natureza sobre a humanidade em estudos volumosos, não conseguem avançar as colocações de seus predecessores e nem chegar a explicações profundas (MORAES, 1983, p. 320).

Nas palavras de Ratzel:

Montesquieu e Voltaire não pretenderam de modo algum realizar obras científicas (...). O mesmo diga também de Buffon (...). Nem Montesquieu nem Voltaire formularam ideias que já não tivessem sido expressas pelos antigos e, além disso, não chegaram a criar conceitos melhores que aqueles já conhecidos (RATZEL, 1990, pp. 35-36)⁷.

Jean Jacques Rousseau também é criticado por Ratzel, “principalmente na ideia de evolução histórica” (MORAES, 1983, p. 320). O filósofo francês será denominado de romântico em virtude de seu pensamento espiritualoso. “Ratzel vai chamá-lo de ‘romântico’ alegando que até hoje ninguém encontrou aquele estado de felicidade selvagem” (MORAES, 1983, p. 320) promulgado por Rousseau. Neste sentido, há na revisão filosófica do pensamento ratzeliano “uma posição contrária aos autores iluministas, fato que o distingue bastante dos outros autores” (MORAES, 1983, p. 320), tais como Humboldt e Ritter, “que, em maior ou menor grau, pagavam tributo a estes pensadores” (MORAES, 1983, p. 320) do iluminismo francês. Com efeito, a postura de Ratzel se coloca de uma maneira outra como bem apontou M. Quaini, em “considerar as formulações da experiência iluminista ‘não científicas’” (QUAINI *apud* MORAES, 1983, p. 321). Bem entendido, outros autores do final do século XVIII também são avaliados por Ratzel negativamente. Ou seja, os outros autores citados por Ratzel recebem, por parte deste, críticas contundentes quando do aspecto histórico-cultural dos povos.

Neste contexto, há que evocar uma ressalva, qual seja: o presente escrito se limita a fazer todas as citações apontadas por Ratzel, isto em virtude de não prolongarmos ainda mais o texto. Quer dizer, apenas aquelas mais evidentes e mais interessantes. Para uma leitura pormenorizada do

⁷ Na edição italiana: “Montesquieu e Voltaire non intesero affatto compere delle opere scientifiche (...). Lo stesso dicasi anche di BUFFON (...). Tanto Montesquieu che Voltaire non hanno formulato alcun pensiero, che già non fosse stato espresso dagli antichi, e per di più non hanno affato espresso molti buoni concetti, che presso quelli si trovano de già” (RATZEL, 1914, pp. 17-18). Na terceira edição alemã: “Montesquieu und Voltaire keineswegs wissenschaftliche Werke liefern (...). Dasselbe gilt auch von Buffon (...). Montesquieu und Voltaire haben gerade in dieser Richtung keinen Gedanken geäußert, den nicht die Alten schon vorgebracht hatten, aber viele gute Gedanken nicht geäußert, die man bei ihnen findet (RATZEL, 1909, pp. 11-12).

que está em questão, torna-se necessário aos leitores consultarem a obra *Antropogeografia* de Ratzel, citada no final⁸.

3- RATZEL E A FILIAÇÃO COM KANT, HERDER E RITTER

O viés filosófico na Alemanha do século XIX já começa com muita fervorosa e árdua turbulência de novas concepções, novos conceitos e novos debates, isto, em virtude do século anterior que mudou, por assim dizer, toda a forma de pensar o mundo. Não obstante, Kant e seu sistema filosófico (idealismo alemão iniciado no século XVIII) influenciou toda uma geração de novos pensadores⁹. As ideias de Kant principiou o chamado idealismo alemão, que, por conseguinte, fora seguido por outros filósofos como Fichte, Schelling e Hegel, principalmente¹⁰. Sem contar o movimento *Sturm und Drang*, cujos irmãos Schlegel compartilhavam dos ideais, e o chamado ‘romantismo alemão’ que marcou o pensamento de Humboldt, por exemplo. Muito embora - conforme Moraes (1983) parafraseando-o -, Fichte, Hegel e Schelling não tenham sido priorizados na discussão ratzeliana¹¹.

Neste contexto, Ratzel que nascera em 1844, se vê sobre uma Alemanha profundamente marcada por uma forte influência filosófica e intelectual que ainda guardava muito do final do século XVIII e do início do século XIX (Kant e Herder, principalmente). Esta forte influência filosófica atingiu a Humboldt e a Ritter. Pois que Humboldt era uma “verdadeira enciclopédia viva” (CLOZIER, 1950, p. 81), muito embora suas ideias se aproximassem dos naturalistas. Porém, suas concepções exerceram um impacto amplo em sua época. Humboldt possuía um laço de amizade estreito com pensadores de seu tempo. Como exemplo, Gomes (2011) nos diz de Humboldt a seguinte passagem: “a amizade e a colaboração com Goethe foram mantidas até a morte deste último” (GOMES, 2011, p. 152). Bem entendido, Humboldt exprimia “a visão do romantismo encarnado pelo poeta J. W. Goethe e pelo filósofo Schelling” (MOREIRA, 2009, p. 23). Já Ritter, por sua vez, um pouco diferente de Humboldt, “possuía uma cultura histórica e filosófica” (CLOZIER, 1950, p. 82). Pois “a obra de Schelling foi efetivamente determinante sobre a de Ritter” (GOMES, 2011, p. 163). Este círculo de intelectuais marca profundamente Ratzel. Todavia, o próprio Ratzel não utilize as ideias do romantismo alemão em suas análises.

⁸ Para maiores detalhes do texto de Ratzel, há uma tradução brasileira da primeira parte do volume I da *Antropogeografia*. Ver as referências no final do texto.

⁹ Não podemos esquecer que Kant foi professor de Geografia Física por mais de quarenta anos, aproximadamente, a partir de 1756, na Universidade de Königsberg.

¹⁰ “A influencia de Hegel pode ser reconhecida na obra de Ratzel e mesmo nos trabalhos de Ritter” (SANTOS, 2008, p. 48).

¹¹ Por sua vez, segundo Moraes (1990): “o conceito de espaço vital Ratzel toma de Fichte, e lhe dá maior substantivação” (MORAES, 1990, p. 23).

Fichte, Schelling e Hegel não são priorizados na discussão ratzeliana. Ele vai inclusive explicitar que em sua opinião estes autores tiveram um descaso para com os temas geográficos. Ratzel atribui isso à concepção de história universal, por eles assumida, muito restrita geograficamente. Ratzel diz que Fichte seria o mais explícito, restringindo seu horizonte à ‘Europa, sede da civilização’. Comenta também a ideia de Hegel de que só haveria história havendo evolução, o que deixaria de fora do cenário da evolução da humanidade os povos naturais. Conclui que tais autores acabariam por tomar uma ‘história particular’ pela ‘história universal’, erro de que, em parte, também padeceriam Kant e Comte (MORAES, 1983, p. 321)¹².

Como já mencionado anteriormente, “o destaque maior da análise ratzeliana é dado à E. Kant e a J. G. Herder” (MORAES, 1983, p. 322). Apesar de serem filósofos, seus fundamentos são aportes importantes para a Geografia. A maneira como estes autores analisam o mundo merecem atenção por parte dos geógrafos. Suas ideias situam o homem no mundo. Por isso os geógrafos necessitam da filosofia para entender e explicitar melhor a geografia do mundo. Não obstante,

A obra de Heder está cheia de surpresas para o Geógrafo, que encontrará aí, em diversos lugares, uma argumentação bastante próxima daquela já conhecida de certos textos da geografia clássica. A importância do espaço é fundamental e só podemos nos admirar do esquecimento relativo do qual este autor é objeto¹³ (GOMES, 2011, p. 143).

Isto também é válido e tem o mesmo peso para a obra de Kant. Pensador que hoje, mais de duzentos anos depois de sua morte, ainda influencia muito os mais variados campos do saber, principalmente as ciências sociais e humanas. Para tanto, “a presença da influência kantiana no pensamento de Ratzel é explícita” (MORAES, 1983, p. 325)¹⁴.

“Se uma certa adesão a Kant é visível na concepção de Ratzel, a filiação a Herder é muito mais evidente” (MORAES, 1983, p. 325). Herder é também uma das figuras essenciais do pensamento de Ritter. – Friedrich Ratzel faz um elogio majestoso e sutil a Herder quando este filósofo diz ser a História uma Geografia em movimento. Para Ratzel, “a frase de Herder de que a história é uma geografia em movimento¹⁵ permanece verdadeira também inversamente” (RATZEL, 1990, p. 90)¹⁶. Pois “a história não pode ser compreendida sem o território onde ela se desenvolve” (RATZEL, 1990, p. 90). Por conseguinte, como história e geografia não se separam, todas as coisas

¹² “Kant, que também foi grande amigo e conhecedor da geografia, foi o primeiro a introduzir-se por uma estrada falsa, que Fichte, Schelling e Hegel seguiram depois, chegando a um resultado geograficamente falso” (RATZEL, 1990, p. 91).

¹³ O autor neste trecho chama atenção para a falta de interesse por parte dos geógrafos contemporâneos (do século XXI, principalmente) em estudar os escritos de Herder. Tão importante para a Geografia.

¹⁴ As obras de Kant que interessam diretamente aos geógrafos são a Crítica da Razão Pura e os Princípios Metafísicos da Ciência da Natureza, além da *Physischi Geographie* (Geografia Física).

¹⁵ Esta frase de Herder - em nosso entendimento - resume muito bem o pensamento de Ratzel. No original alemão temos a seguinte passagem de Herder: “Kurz die Geographie ist die Basis der Geschichte und die Geschichte ist nichts als eine in Bewegung gesetzte Geographie der Zeiten und Völker” (HERDER, 1997, p. 494). – “Em suma, a geografia é a base da história e a história nada mais é que um movimento contínuo na geografia dos tempos e dos povos” (Tradução nossa). Ou seja, a História é uma Geografia em movimento, como nos disse Ratzel.

¹⁶ A História é uma Geografia em movimento. No original alemão: “der Geschichte als einer in Bewegung gesetzten Geographie” (RATZEL, 1909, p. 55). Na edição italiana: “la storia una geografia in movimento” (RATZEL, 1914, p. 84).

se envolvem consubstancialmente. Para Ratzel, as coisas ocorrem “entre o teatro dos acontecimentos e a história” (RATZEL, 1990, p. 32). Em outras palavras, as coisas acontecem na Geografia e na História. Neste sentido, devemos - nós geógrafos - “chamar a atenção dos historiadores para a importância que o teatro dos acontecimentos assume perante a história” (RATZEL, 1990, p. 41). O teatro dos acontecimentos é a Geografia que possibilita um ocorrer histórico¹⁷. Em Ratzel, na obra *Antropogeografia*, grosso modo, o mesmo nos diz que “a humanidade é parte da terra” (RATZEL, 1990, p. 40)¹⁸. Em todo caso, a relação entre geografia e história nos permite mencionar uma passagem de Hartshorne bastante elucidativa: “A História, em resumo, deverá, em maior ou menor grau, ser geográfica” (HARTSHORNE, 1969, p. 243). De certo, é “a observação da Terra que nos explica os acontecimentos da História” (RECLUS, 1905, p. iv).

Ratzel é bastante explícito ao afirmar seu apreço por Herder. A citação a seguir “tem o mérito de não deixar dúvida quanto à adesão ratzeliana às colocações de Herder” (MORAES, 1983, p. 322)¹⁹.

Herder tem um lugar importante na geografia do homem, por ter passado das considerações particulares sobre os povos à consideração geral sobre a humanidade, das observações incidentais a uma abordagem completa, de uma história universal fragmentária à verdadeira e própria história da humanidade. Da dependência do homem e de sua história das condições naturais, Herder tratou, se não com maior profundidade, pelo menos com visão mais ampla que qualquer outro antes dele (RATZEL, 1990, p. 40).

Outro filósofo mencionado por Ratzel é D. Hume, isto, em virtude deste filósofo negar a influência do meio físico sobre as características dos povos. Contudo, “também os naturalistas do século XVIII são bastante discutidos por Ratzel, notadamente Buffon, P. S. Pallas, J. J. Zimmermann e J. F. Forster” (MORAES, 1983, p. 322), Darwin e Haeckel. Sem esquecermos-nos dos autores positivistas franceses e seus seguidores, no qual Ratzel enumera H. Taine, H. T. Buckle e H. Spencer. Há que destacar também as formulações de Auguste Comte, cujo mesmo, ocupa um lugar significativo nas considerações de Ratzel. - O positivismo francês fora marcante em seu pensamento. Em suas próprias palavras ele nos diz: “o estudo do qual nos ocupamos encontrou particular e ampla aplicação por obra dos filósofos positivistas franceses” (RATZEL, 1990, p. 42). Por exemplo, “as formulações de A. Comte, influíram, particularmente, nas concepções ratzelianas” (MORAES, 1983, p. 329). Não obstante, “a obra de Friedrich Ratzel é apresentada por Capel,

¹⁷ “A geografia é um *fundamento da realidade*” (MARTINS, 2009, p. 16, grifo do autor).

¹⁸ No original alemão: “Die Menschheit ist ein Stück Erde” (RATZEL, 1909, p. 15). Na edição italiana: “L’umanità è una parte della Terra” (RATZEL, 1914, p. 23).

¹⁹ Referindo-se a Herder temos as seguintes passagens: “Seu livro intitulado *A Filosofia da História* é, talvez, o livro alemão escrito com mais charme” (STAËL, 1845, p. 360, grifo do autor). Porém, “todos os trabalhos de Herder se resumem em suas *Ideias sobre a Filosofia da história da humanidade*, que apareceu em quatro partes de 1784 a 1791, e que permaneceu inacabada” (BOSSERT, 1901, p. 412, grifos do autor). – Esta última obra é a que se refere Ratzel em sua *Antropogeografia*. As *Ideias* é a obra de Herder que mais envolveu profundamente Friedrich Ratzel.

dentre outros, como o exemplo de impacto do positivismo e do evolucionismo na geografia universitária” (MARTINS, 1993, p. 83). Em se tratando das concepções de Auguste Comte

Ratzel examina com detalhe, em primeiro lugar, a noção comteana de ‘meio’, a qual seria entendida pelo filósofo enquanto ‘ambiente físico’. A essa noção, Comte agregaria a de ‘meio intelectual’, o qual abarcaria as tradições, as normas morais etc. Do jogo entre esses dois dados emergiria a explicação do desenvolvimento dos povos. Segundo a avaliação de Ratzel, essa ‘teoria do meio como agente motor’, seria na verdade ‘uma teoria das influências das condições naturais sobre a formação dos povos’ (MORAES, 1983, p. 329).

“A influência comteana é, sem dúvida, uma das prioritárias no pensamento de Ratzel” (MORAES, 1983, p. 330). Em todo caso, “em Comte e em Herder localizar-se-iam os mais expressivos fundamentos filosóficos do pensamento ratzeliano” (MORAES, 1983, p. 333). Por sua vez, é possível identificar que Herder e Karl Ritter ocupam um lugar privilegiado na Antropogeografia do geógrafo alemão em questão. Com efeito, tanto Karl Ritter quanto Herder aparecem frequentemente como suporte teórico-metodológico nas análises de Ratzel. “Não há como negar que, no que diz respeito à Geografia, Ritter seja o autor de maior peso na formação de Ratzel” (MORAES, 1983, p. 344). O mesmo se pode dizer de Herder em relação à Filosofia.

Além disso, as investigações de bases filosóficas em Ratzel deixam, por assim dizer, uma lacuna que acreditamos ser uma falha em seu pensamento. Ou seja, as ideias endossadas por Ratzel em suas análises não se detém em um ponto essencial para o desenvolvimento da geografia ensinada. Quer dizer, a visão do papel desempenhado pela educação no processo social, aparentemente não é discutido por Ratzel. Eis, portanto, uma falha que encontramos na Antropogeografia de Friedrich Ratzel. Apesar do título da obra em questão ser *Antropogeografia: princípios de aplicação da ciência geográfica à história*, e referir-se, grosso modo, a ideia de ensinamento (pedagogia) na formação do ser humano na sociedade, não é bem isso o que se verifica. Destarte, a obra de Ratzel merece ser estudada e evidenciada por todos os estudantes de geografia.

Ratzel teve o mérito de dar à geografia um método científico, podendo ser considerado o primeiro a ter estudado cientificamente a geografia humana. Além disso, manteve a unidade entre geografia física e geografia humana, pois em seu trabalho, o homem está sempre relacionado com o ambiente físico (FERREIRA; SIMÕES, 1986, p. 70).

Logo após uma breve discussão acerca do pensamento filosófico de Ratzel, uma ideia esdrúxula surge quando nos detemos em detalhe nos escritos de Ratzel. Isto é, em alguns momentos, seus textos, principalmente quando direcionados à política de administração territorial (ver cap. XI - espaço vital, por exemplo), dizíamos, em certos instantes seus escritos parecem mais com manual de imperialismo. Acreditamos que isto é, sem dúvida, uma consequência da época em que Ratzel viveu. Ou seja, as transformações geoespaciais na Europa da segunda metade do século XIX favoreciam a qualquer intelectual a se deter com estas questões comuns naquele momento

histórico. Portanto, as ideais ratzelianas em função da expansão territorial por uma determinada nação, deixam claro o momento em que a Alemanha estava passando. Com efeito, cada período na história deixa sua marca inevitavelmente, seja na memória ou na geograficidade (no sentido de Dardel).

4- CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para evitarmos qualquer mal entendido, neste momento entendemos ser de suma importância esclarecer que o texto em si prestou-se, por assim dizer, a discutir brevemente os fundamentos filosóficos presentes no pensamento de Friedrich Ratzel, com especial atenção voltada para a Antropogeografia. Bem entendido, as influências filosóficas de Ratzel diz muito sobre seu posicionamento diante à realidade que lhe envolvia. Não obstante, seus ensinamentos foram marcantes para muitas gerações de estudantes de Geografia em todo o mundo, principalmente na Europa e na América. Devemos recordar que o discurso de Ratzel é crítico para com todos os autores citados por ele. Mesmo aqueles que recebem elogios não escapam de suas críticas. – Aqui não foram reproduzidas as críticas que Ratzel direcionou a Kant, a Herder e a Kitter.

Eis as principais fontes ou influências filosóficas significantes do pensamento de Friedrich Ratzel: “no nível do objeto, a filosofia da história de Herder e a geografia comparada de Karl Ritter. No nível do método, a filosofia positivista de Comte e a ecologia de Haeckel, principalmente” (MORAES, 1990, p. 17). Em outros termos, sintetizando o que foi exposto observa-se que Herder, o positivismo, os autores naturalistas com especial atenção para o evolucionismo, e Karl Ritter no que tange à Geografia, foram - assim acreditamos - as bases dos fundamentos filosóficos de Ratzel. Muito embora, para Paul Claval a seguinte passagem mereça atenção: “es probable que las opciones filosóficas de Ratzel fuesen más claras em sus clases que em sus escritos” (CLAVAL, 1974, p. 56). Por sua vez, identificamos que no primeiro volume de seu escrito Antropogeografia, a filosofia rege seus pensamentos. Principalmente as primeiras cem páginas.

“A simples relação das obras de Ratzel dá uma boa ideia de suas preocupações e enfoques” (CAPEL, 1981, p. 280) de seu tempo. Há que considerar também um fator interessante no pensamento de Ratzel. Este, apesar de ter escrito suas obras a mais de cem anos, mesmo assim as mesmas ainda continuam muito atuais em relação aos movimentos históricos que nunca cessam (migrações). O valor atribuído ao território por Ratzel pode ser dialogado e explicado nas disputas territoriais que hoje é assunto de primeira ordem para muitos países. Do mesmo modo, suas afirmações não deixam de serem contemporâneas quando direcionadas a importância sociopolítica limítrofe (territorial) de uma nação. Portanto, suas críticas e suas intenções faz com que ele se aproxime de certo contexto que o singulariza diante de outros geógrafos.

Em síntese, há que ressaltar o descaso de muitos geógrafos em rejeitar ou ignorar a leitura dos clássicos. Consideramos - audaciosamente - que Ratzel ao relacionar o homem e a terra, dando ênfase ao fator humano (algo até aquela época não debatido explicitamente no seio da geografia), fundou uma verdadeira Geografia Existencial. Uma Geografia Fenomenológica, mostrando subsídios para uma notável ontologia do ser espacial: *o homem*.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Manuel Correia de. **Geografia: ciência da sociedade**. 2ª edição. Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2008. 246p.

BOSSERT, Adolphe. **Histoire de la littérature allemande**. Paris: Librairie Hachete, 1901. 1120 p.

CAPEL, Horacio. **Geografia humana e ciencias sociales: una perspectiva histórica**. Segunda edición. Barcelona: Montesinos Editor, 1989. 140p. (Biblioteca de divulgação temática; 38)

CAPEL, Horacio. **Filosofia e ciencia en la Geografía contemporânea: una introducción a la Geografía**. Barcelona: Barcanova, 1981. 511p. (Colección Temas Universitarios)

CLAVAL, Paul. **História da Geografia**. (Tradução de José Braga Costa). Lisboa: Edições 70, 2006. 142p. (Coleção Biblioteca 70; 25)

CLAVAL, Paul. **Evolución de la Geografía Humana**. Barcelona: Oikos-Tau ediciones, 1974. 240p.

CLOZIER, René. **As Etapas da Geografia**. Lisboa: Publicações Europa-América, 1950. 117p.

DURKHEIM, Émile. Friedrich Ratzel - Anthropogéographie. In: **L'Année Sociologique**, troisième année (1898-1899). Sixième section: morphologie sociale, I - Les migrations humaines, Paris: Félix Alcan, pp. 550-558, 1900. 623p.

ESTRABÓN. **Geografía**. Libros I-II (Introducción general de J. García Blanco; traducción y notas de J. L. García Ramón y J. García Blanco) Madrid: Editorial Gredos S. A. Primera edición (1991). 1ª reimpresión, 2002. 560p. (Biblioteca Clásica Gredos, 159)

FEBVRE, Lucien. **La terre et l'évolution humaine: introduction géographique a l'histoire**. Avec le concours de Lionel Bataillon. Paris: Éditions Albin Michel, 1938. 472p. (L'évolution de l'humanité - synthèse collective, dirigée par Henri Berr; IV)

FERREIRA, Conceição Coelho e SIMÕES, Natércia Neves. **A evolução do pensamento geográfico**. Lisboa: Grávida Publicações, 1986. 142p.

GOMES, Paulo Cesar da Costa. **Geografia e Modernidade**. (1ª ed. 1996). 10ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2011. 368p.

HARTSHORNE, Richard. **Questões sobre a natureza da geografia**. (Tradução de Thomaz Newlands Neto) Rio de Janeiro: Instituto Panamericano de Geografia e História - Comissão de Geografia, 1969. 274p. (Textos básicos; 4)

HERDER, Johann Gottfried von. Von der annehmlichkeit, nützlichkeit und notwendigkeit der geographie. In: **Journal Meiner Reise in Jahr 1769 Pädagogische Schriften (Werke)**. (Herausgegeben von Rainer Wisbert unter Mitarbeit von Klaus Pradel) Band 9. Frankfurt am Main: Deutscher Klassiker Verlag, pp. 480-495, 1997. 1488p. (Bibliothek deutscher Klassiker; 147)

HERDER, Johann Gottfried von. **Idées sur la philosophie de l'histoire del'humanité**. Tome premier. (Ouvrage traduit de l'allemand et précédé d'une introduction par Edgar Quinet) Paris/Strasbourg: F. G. Levrault, 1834. 376p.

LENCIONI, Sandra. **Região e Geografia**. (1ª ed. 1999). 2ª reimpressão. São Paulo: Edusp, 2009. 221p.

MARTINS, Élvio Rodrigues. Pensamento geográfico é geografia em pensamento. In: KATUTA, Ângela Massumi [et al.]. **Geografia e mídia impressa**. Londrina: Moriá, 2009. 246p.

MARTINS, Élvio Rodrigues. Geografia e Ontologia: o fundamento geográfico do ser. In: **GEOUSP – Espaço e Tempo**. São Paulo, nº 21, pp. 33-51, 2007.

MARTINS, Luciana de Lima. Friedrich Ratzel. In: **GEOgraphia**, Rio de Janeiro, 2009.

MARTINS, Élvio Rodrigues. **Friedrich Ratzel através de um prisma**. Dissertação de Mestrado. Instituto de Geociências - UFRJ. Rio de Janeiro, 1993. 139p.

MENDOZA, Josefina Gómez; JIMÉNEZ, Julio Muñoz e CANTERO, Nicolás Ortega. **El pensamiento geográfico: estudio interpretativo y antología de textos (De Humboldt a las tendencias radicales)**. Segunda reimpression de la segunda edición corrigida y aumentada. Madrid: Alianza Editorial, 2002. 545p. (Alianza Universidad Textos; 45)

MORAES, Antonio Carlos Robert. A Antropogeografia de Ratzel: indicações. In: **Ratzel**. MORAES, Antonio Carlos Robert (Org.). São Paulo: Editora Ática, pp. 07-27, 1990. 200p.

MORAES, Antonio Carlos Robert. Os fundamentos filosóficos do pensamento de Ratzel. In: **Contribuição para uma história crítica do pensamento geográfico: Alexandre von Humboldt, Karl Ritter e Friedrich Ratzel**. Dissertação de Mestrado. Departamento de Geografia da FFLCH/USP, pp. 318-349, 1983. 604p.

MOREIRA, Ruy. **O que é Geografia**. 2ª edição. São Paulo: Brasiliense, 2009. 97p. (Coleção Primeiros Passos; 48).

RATZEL, Friedrich. Geografia do Homem (Antropogeografia) (Traduzido do italiano por Fátima Murad). In: **Ratzel**. MORAES, Antonio Carlos Robert (Org.). São Paulo: Editora Ática, pp. 32-107, 1990. 200p.

RATZEL, Friedrich. **Geografia dell'uomo (Antropogeografia): principî d'applicazione della scienza geográfica alla storia**. Primo volume. (Tradotta da Ugo Cavallero) Torino: Fratelli Boca Editore, 1914. 596p.

RATZEL, Friedrich. **Anthropogeographie: grundzüge der anwendung der erdkunde auf die geschichte**. Dritten Auflage. Erster Teil. (Herausgebem von Prof. Dr. Albrecht Penck) Stuttgart: Verlag von J. Engelhorne, 1909. 400p.

RAVENEAU, Louis. L'élément humain dans la géographie. L'anthropogéographie de M. Ratzel. In: **Annales de Géographie**. Paris, t. 1, nº 3, pp. 331-347, 1892.

RECLUS, Elisée. **L'homme et la terre**. Tome premier, 6 v. Paris: Librairie Universelle, 1905. 570p.

RAVENEAU, Louis. Préface. In: RITTER, Carl. De la configuration des continents sur la surface du globe et de leurs fonctions dans l'histoire. Préface d'Élisée Reclus. In: **Revue Germanique**, vol. 8, n. 11, p. 241-267, 1859.

SANTOS, Milton. **Por uma Geografia Nova**: da crítica da geografia a uma geografia crítica. (1ª ed. 1978). 6ª ed. 1ª reimpressão. São Paulo: Edusp, 2008. 288p. (Coleção Milton Santos; 2)

SANGUIN, André-Louis. Em relisant Ratzel. In: **Annales de Géographie**. Paris, t. 99, n° 555, pp. 579-594, 1990.

SODRÉ, Nelson Werneck. **Introdução à Geografia**: geografia e ideologia. Petrópolis: Vozes, 1976. 136p.

SOUZA, Marquessuel Dantas de. **Geografia e Percepção**: uma interpretação introdutória a partir da fenomenologia de Merleau-Ponty. São Paulo: Biblioteca 24 horas, 2012. 134p.

STAËL, Madame de. **De L'Allemagne**. Paris: Librairie de Firmin Didot Frères, 1845. 592p.

VIDAL DE LA BLACHE, Paul e ZIMMERMANN, Maurice. Friedrich Ratzel. In: **Annales de Géographie**. Paris, t. 13, n° 72, pp. 466-467, 1904.